

A RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA EM *LEALDADE* DE MÁRCIO SOUZA E EM *AS DUAS SOMBRAS DO RIO* DE JOÃO PAULO BORGES COELHO.

Liliane Batista Barros¹ (UNIFESSPA/UFPA)

Profa. Dra. Tânia Maria Pereira Sarmiento-Pantoja² (UFPA)

Resumo: Pretendemos analisar a revisitação histórica da guerra civil em Moçambique e da Cabanagem no Brasil nos romances *As duas sombras do rio* de João Paulo Borges Coelho e *Lealdade* de Márcio Souza, que produziram suas obras como resistência ao apagamento da memória desses eventos.

Palavras-chave: Literatura Moçambicana; Literatura Brasileira; Guerra; Resistência; Literatura Comparada.

INTRODUÇÃO:

Essa comunicação é parte do projeto de doutorado que pretende analisar a revisitação histórica da guerra civil em Moçambique e da Cabanagem no Brasil nos romances *As duas sombras do rio* de João Paulo Borges Coelho e *Lealdade* de Márcio Souza. Essa escolha se deu pelo fato de as obras terem como tema principal o conflito bélico ocorrido no período posterior a Independência no século XIX brasileiro e do século XX moçambicano. A partir da leitura das obras desses dois autores, decidimos por verificar os processos de reescrita da história dos conflitos armados narrados nas duas obras. Tanto João Paulo Borges Coelho quanto Márcio Souza tendem a apontar as lacunas e os silêncios das principais vítimas das duas guerras impedindo, assim, o apagamento desses eventos. Todorov³ nos lembra que na política da memória justa (equilíbrio entre a obsessão pelo passado e as tentativas de imposição do esquecimento), a memória seria um trabalho contínuo sempre capaz de se sobrepor aos processos estruturais pré-estabelecidos e ao se dispuserem a trabalhar a violência no texto literário os autores demonstram a escolha do caminho da resistência.

¹ Liliane BARROS, UNIFESSPA/UFPA, lilibb@ufpa.br

² Tânia Sarmiento-PANTOJA, UFPA

³ TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem*. Trad. Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: ARX, 2002.

Federico Lorenz (2002) trata a resistência como a luta e o esforço coletivo que nem sempre está ligada à luta armada, mas pode ser compreendida no enfrentamento do forte contra o fraco, da justiça contra a injustiça. A épica da resistência, que pressupõe o enfrentamento entre o forte e o fraco, o justo e o injusto, o vencedor e o derrotado é reforçada pela imagem do poderoso com características malignas. A resistência aparece, ainda, no discurso fundador da nação fortemente vinculado à questão identitária ligada às recentes lutas de libertação nacional (como é o caso de Moçambique em que a Guerra de Libertação é cultuada como o momento de vitória do povo criando uma forte ligação com a moçambicanidade).

O autor chama atenção para a derrota dos movimentos emancipatórios no século XX diante das forças econômicas e propõe pensarmos as resistências historicamente, que seria estudar os projetos e identidades históricas a partir das realidades atuais. “Entonces un sinónimo de ‘resistencia’ es ‘futuro’. Y asumida esta idea, hay allí una pregunta ineludible acerca de nuestro lugar como investigadores, y que nos obliga a repensar los criterios de legitimación del saber que también se impusieron en tiempos de derrota.” (p. 18). Essa concepção de resistência como futuro a partir do lugar do investigador nos remete à questão ética e, a esse respeito, Alfredo Bosi (2002) nos lembra que resistência é conceito ético e não estético e, no sentido mais profundo, é a “força de vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é *in/sistir*; o antônimo familiar é *de/sistir*.” (p. 118). Vinculada à literatura, a resistência pode seguir dois caminhos, que não se excluem necessariamente: a que se dá como tema; a que se dá como processo inerente à escrita.

As marcas de resistência que podemos identificar nos romances *As duas sombras do rio* (2003), de João Paulo Borges Coelho e *Lealdade* são muitas mas para essa comunicação escolhemos o olhar de duas personagens sobre a experiência da guerra. No romance moçambicano, optamos por Meia Chuva personagem que vivenciou tanto a Guerra de Libertação contra Portugal, como a Guerra Civil e testemunha essa experiência. Já no romance brasileiro vamos buscar no narrador/personagem Fernando a mudança de postura e identidade resultante da experiência na tomada de Caiena e a desilusão com o resultado da adesão do Pará a Independência Brasileira

A Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) foi um movimento de orientação marxista-leninista, fundado em 1962, na Tanzânia, por Eduardo Chivambo Mondlane, e é resultado da união de três movimentos de libertação já existentes: a Mozambique African National Union (MANU), a União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO) e a União Nacional Africana para Moçambique Independente (UNAMI). Esses três movimentos tinham sede em países diferentes e a base étnica também era diversa, mas, para conseguirem a Independência uniram-se em um mesmo movimento de resistência ao governo português.

Após algum tempo de treinamento de guerrilha na Tanzânia, a FRELIMO inicia, em 1964, a luta de libertação do território moçambicano contra o jugo português. Dez anos depois, a guerra termina com a Revolução dos Cravos em Portugal, e Moçambique tem sua Independência assinada em 25 de junho de 1975. A guerra civil moçambicana foi um conflito armado que teve início em 1976 entre o partido à época no poder, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), e o de oposição, Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), e terminou em 1992, quando foi assinado o Acordo Geral da Paz.

A guerra se estendeu pelas zonas rurais, levando à morte milhares de pessoas vítimas do conflito e outros milhares por causa da fome e das doenças decorrentes da guerra. Como resultado, quatro milhões de pessoas, de uma população de quinze milhões, refugiaram-se em outros países, e a infraestrutura de Moçambique foi destruída. Além disso, os períodos de seca agravaram ainda mais as condições de sobrevivência da população que se viu reduzida à categoria de refugiados, ou deslocados. Eram pessoas que sobreviveram à morte mas encontravam-se traumatizadas pelos horrores que tiveram que assistir ou sofrer durante a guerra. O conflito gerou não só a dor, mas intermináveis discussões dentro do governo, nas universidades, nas comunidades e as perguntas eram as mesmas: que caminhos a guerra estava traçando para Moçambique? Como ficaria o país após essa violência? A guerra teve fim em 1990, ano em que foi publicada a nova constituição do país que garantia, entre outros direitos, o pluripartidarismo. Novas eleições foram convocadas, instalando-se, assim, um estado democrático. Como resultado dessas mudanças, os antigos costumes foram sacralizados como tradição e a nova nação, nascida de duas guerras, passou a buscar a

harmonia entre tradição e modernidade. Mas as feridas deixadas ainda sobrevivem na memória da população e muita coisa também ficou por ser explicada.

No romance *As duas sombras do rio*, o testemunho da personagem de Meia-Chuva sobre as duas guerras é emblemático: a primeira experiência vivenciada por ele acontece em 1969, quando o régulo de sua aldeia se revolta contra os portugueses e convoca quantos quisessem ir com ele para a Zâmbia, onde receberiam treinamento. “Foi com estes que Meia-Chuva foi levado para um pequeno campo onde todos aprenderam o que era a revolução, com palestras, treinos e punições.” (BORGES COELHO, 2003, p. 171). Meia-Chuva sobressaía nos treinos e no aprendizado teórico sobre a revolução e passou a incomodar os seus superiores por não compreender que, mesmo sendo bom, havia postos e hierarquias ocupados por interesses e não pela competência. Por ter se destacado, recebe como recompensa a volta para Moçambique nas frentes de batalha: “Se era tão duro e tão preciso, que o fosse provar na luta contra os portugueses.” (BORGES COELHO, 2003, p. 171). O grupo revolucionário de Meia-Chuva era o Comité Revolucionário de Moçambique (COREMO), que logo foi integrado à FRELIMO. Eles foram levados para o Norte e depois para a Zâmbia para um novo treinamento “em quase tudo iguais aos anteriores excepto em que este novo grupo mais ambicioso: não lhes bastava afastar o administrador de Massandaluz, queria afastar os administradores todos” (BORGES COELHO, 2003, p. 174). Em pouco tempo, ele era novamente um comissário político enviado para atacar o Sul, até que chegou abril de 1974, data da Revolução dos Cravos. A segunda experiência foi a da guerra civil, e a comparação que a personagem faz entre as duas guerras revela a perplexidade e o desânimo resultante do fato de uma luta de anos ser invalidada por divergências internas no novo governo tão sonhado.

As coisas hoje são muito diferentes, não se combate como se combatia. Antes a dor era atenuada pelas ideias, pela visão clarividente do futuro. Matar libertava porque significava um passo em frente. Hoje, pelo contrário, o cheiro doce do sangue agarra-se às mãos, incomoda o sono. Antes, até fugir era positivo porque se fugia já com o regresso em mente. Antes cercava-se, hoje é-se cercado. (...) E o cansaço do corpo, após tantos e tantos anos de trabalho, junta-se ao cansaço da alma de quem ainda procura a luz mas já só encontra

naquela pequenina fogueira cercada pela infinita escuridão da noite.
(BORGES COELHO, 2003, p. 175-176).

A comparação feita pelo combatente resume o sentimento de muitos. Antes, a luta era pela liberdade de um povo, matar ou morrer era por uma causa justa, enquanto no hoje o ato de matar incomoda, pois é a morte de um moçambicano e a ideia de regresso talvez não seja mais possível. Além disso, o cansaço revelado pelo combatente não é só do corpo, mas também da alma, por esta buscar uma esperança de dias melhores. A escolha de Borges Coelho em colocar o combatente na COREMO fazendo essas reflexões, considerando ainda o fato de não nomear o grupo que ataca o Zumbo, leva-nos a crer que, para ele, mais importante do que nomear quem foi o responsável é apontar as agruras da guerra civil e o sofrimento das vítimas desse conflito, que são os moradores dessa aldeia comunal que perdem suas casas, familiares e amigos e, quando retornam, os vizinhos já não são mais os mesmos, as casas estavam todas destruídas, enfim, as perdas são irreparáveis. As críticas feitas por Meia-Chuva não poupam partidos e hierarquias e sua voz representa a própria reflexão do autor acerca da violência estabelecida nas colônias portuguesas na África que, conseqüentemente, desencadeou as guerras civis.

No artigo “Da violência colonial ordenada à ordem pós-colonial violenta” (2003), Borges Coelho faz um percurso histórico do “potencial de violência” nas ex-colônias portuguesas e aponta como primeiro motivo o “subsistema” da Guerra Fria na África Austral, criando hostilidade entre os vizinhos aliados de Portugal e aqueles de tendência socialista que, no caso de Moçambique, envolveu a Rodésia. A segunda causa apontada são os conflitos internos dos movimentos nacionalistas que em Moçambique resultou na reação da RENAMO que se reconstituiu como partido opositor à FRELIMO. O terceiro motivo

(...) poderia dizer respeito à substituição radical de Estados que o processo de rápida descolonização originou, em que um Estado colonial extremamente autoritário e controlador deu lugar a Estados aparentemente fortes, no caso de Moçambique conseguindo mesmo um notável “alcance” territorial através da conjugação de mecanismos formais com mecanismos semiformais ligados ao partido único. Todavia, as fragilidades que esse Estado desde cedo demonstrou, em termos de uma baixa eficácia aliada a uma postura autoritária, foi sem

dúvida um fator indutor de uma potencial carga de violência. (BORGES COELHO, 2003, p. 176).

Ou seja, há uma série de fatores internos e externos que justificariam a causa de tanta violência, entre eles, as questões sociais e econômicas após a Independência. O argumento central do texto é demonstrar que quanto maior o grau de militarização de uma população aliado à cultura de utilização de armas, maior é a evidência do potencial de violência e alastramento de conflitos. O autor nos lembra que “nos conflitos pós-coloniais, subsistiam ainda elementos dos conflitos coloniais passados, também, inversamente, se pode dizer que no conflito colonial existiam já elementos importantes das guerras civis que se seguiram” (BORGES COELHO, 2003 A, p. 177). Essa observação de Borges Coelho interessa-nos pelo fato de que é preciso ter em mente em que período colonial os grupos de libertação tinham ideologias e vertentes políticas diferenciadas. É preciso lembrar ainda que, em Moçambique, a união dessas diversas frentes trazia no interior do movimento conflitos que precisavam a todo momento serem contornados em prol da Independência. A fala de Meia-Chuva é carregada de decepção, pois o sonho de um país justo cuja exploração sofrida no período colonial fosse exterminada acabou não se realizando. As práticas colonialistas continuaram no pós-Independência, agora impostas pelos próprios moçambicanos.

Mesmo considerando a grande carga de popularidade da nova ideologia libertadora e a afirmativa trazida pelos movimentos de libertação, consubstanciada na perspectiva da construção de uma sociedade nova e mais justa, o que é certo é que, ainda mais do que anteriormente, se tratava agora, neste espaço rural, de um contexto de pós-guerra com as infraestruturas destruídas e os colonos em retirada, com tudo o que significava de decréscimo de possibilidades econômicas, nomeadamente em termos de emprego. Um contexto propiciador de tensão e violência, agravado pelo ressentimento popular em relação a esses grupos, e pelo espírito de “ajuste de contas” do movimento de libertação. (BORGES COELHO, 2003, p.189).

A opção do autor pelo espaço literário do Norte também é significativa, visto que se trata de uma região até então não privilegiada pela literatura, como é possível observar nas obras de Mia Couto e de Paulina Chiziani, que se filiam ao território literário do Centro e do Sul do país. Talvez por isso Borges Coelho tenha optado por colocar um mapa no início do romance para situar o leitor quanto à localização da

Região do Zumbo em Moçambique e auxiliá-lo na leitura. A escolha do espaço literário nos remete à biografia do autor, que viveu sua infância na província do Tete e realizou pesquisas no período pós-Independência na Região do Zumbo, como já apontamos no capítulo anterior. Na escrita do romance chama atenção o destaque que ele dá ao rio Zambeze, como rio estrada, rio fronteira, colocando-o como personagem no romance.

A Cabanagem⁴, assunto abordado em *Lealdade*, foi um movimento que devastou a Amazônia por muitos anos e, para compreendê-la, é necessário buscar suas raízes. Podemos começar dizendo que na Província do Grão-Pará eram comuns as revoltas, insurreições e motins desde o início da colonização, motivados principalmente pela utilização da mão de obra indígena que resultou em muitos conflitos entre colonos e jesuítas. Com a intervenção de Pombal e a retirada dos jesuítas, esperava-se que a província prosperasse e tal era a expectativa do marquês que ele enviou seu irmão, Mendonça Furtado, como administrador dessa região. Mas tal progresso não ocorreu e no final do século XVIII a economia do Grão-Pará estava estagnada. Da mesma forma, ao iniciar o século XIX a economia estava em decadência, com uma sociedade dividida entre a minoria branca que oprimia a maioria mestiça e a administração desinteressada em fazer a província prosperar.

O narrador viaja para Caiena para onde foi designado junto com uma frota para invadir o território francês por ordem de Dom João. A descrição da capital da Guiana Francesa é depreciativa:

Caiena era um lugar inexpressivo, visto de bordo da corveta. Uma silhueta medíocre na manhã brumosa, construções de madeira com a tinta descascando e algumas casas melhores sobre uma colina. Era um lugar desgraçado, assolado pelas febres. Um casario feio, decrépito, com uma pequena fortificação de três baterias como defesa. (SOUZA, 1997, p. 74).

⁴ Pasquale Di Paollo (1990) busca o contexto regional da Cabanagem no período da ocupação portuguesa no Brasil à segunda metade do século XIX. O contexto é dividido em três fases: lutas indígenas (1500-1650); surto político-econômico (1650-1820); luta pela Independência (1820-1834). Apesar de não concordar com algumas posições do autor, esse contexto mais amplo sobre os motivos que desencadearam a Cabanagem são pertinentes por permitirem ao estudioso do assunto compreender que as causas dessa revolução são mais amplas que os fatos desencadeados na segunda metade do século XIX.

Mas, apesar da visão medíocre, ele surpreende-se com a resistência do exército local que não tinha muitos recursos e caiu sob o jugo português, somente depois de duas semanas de guerra. Na luta de resistência dos franceses já é possível observar a tática de guerrilha dos soldados. “Durante duas semanas combatemos rua a rua, casa a casa, numa desgastante rotina de escaramuças e fogo de franco-atiradores. (SOUZA, 1997, p. 82). O resultado da guerra foi a destruição total de Caiena. “Havia muitos cadáveres insepultos (...) Não havia uma só casa intacta (...) algumas pessoas enlouquecidas perambularam pelas ruas, os corpos marcados por crostas de feridas, as bocas abertas sem emitir nenhum som. (SOUZA, 1997, p. 83). Nesse período o narrador já tem vinte e cinco anos, ou seja, já está na idade madura para aquela época, contudo, ele identifica-se como tomado por arroubos juvenis e pela arrogância:

Eu estava irritado mas não infeliz. Ainda havia muito o que acontecer na minha juventude e, naquele instante, em meus arroubos típicos dos vinte e cinco anos, estava como que mergulhado tal um seixo ou um coral, no fundo do oceano de minha própria arrogância juvenil. (SOUZA, 1997, p. 86).

O olhar crítico se deposita também na precariedade de condições em que eles se encontravam e a que se submetia a população, o narrador deixa entrever que pensava que o governo português deveria socorrer e dar melhores condições de vida àquela população, o que demonstra a ingenuidade que ainda restava nele, talvez por isso a irritação que tinha, pois a sensação de vazio e a desilusão do heroísmo da guerra diante do sofrimento daqueles moradores pareciam incomodá-lo.

Faltava comida, atendimento médico, faltava tudo. Pensando agora, com o distanciamento que a tudo consola, Caiena poderia ter sido o meu fim. Mas eu não percebia isso, limitava-me a passar os dias contrariado com tudo, irritadiço, berrando com os subalternos, com colonos franceses, e com os pretos e os tapuias, especialmente com esses últimos. (SOUZA, 1997, p. 87).

Mas a mudança começa a ocorrer após o encontro com Simone que o tira dos eixos. O encontro ocorre quando Fernando vai entregar a carta de Batista Campos para Jean-Pierre e ao chegar à casa do pintor encontra a moça do retrato. Mas, sentiu-se

inferior por ser ela francesa e ele português, “sim, português. Ainda não era paraense.” (SOUZA, 1997, p. 93). A marca do “ainda não era paraense” demonstra a mudança em andamento que se operava na identidade da personagem, que vai ser confrontada várias vezes nos ataques que Simone faz referindo-se a ela como civilizada, por ser francesa e a ele como bárbaro, por ser português. Essa oposição entre civilizado e bárbaro culmina com o aborto do bebê por ela não admitir ter filho de uma raça inferior como o português.

Outra personagem que cruzou o caminho de Fernando e foi importante para a sua formação política em Caiena foi padre Zagalo. O narrador o conhece, ao ser levado por Jean-Pierre para socorrer o padre que se encontrava quase morto pelo uso de drogas. O pintor procura pelo tenente por saber que este não entregaria o padre às autoridades e preservaria o segredo entre eles:

Até hoje admiro a coragem do padre Zagalo, mas na época acho que nós dois ficamos alarmados com as nossas próprias descobertas pessoais; estávamos vivendo uma situação-limite, na completa insegurança, e a todo momento éramos levados a experimentar um sobressalto de horror perante as evidências da vida. (SOUZA, 1997, p. 99).

Após este episódio Fernando é levado pelo padre e por Jean-Pierre para bares da periferia de Caiena onde vivem experiências limites. Com o distanciamento no tempo, o narrador reflete sobre os perigos pelos quais passaram, mas como viviam no limite entre a vida e a morte decidiram experimentar a vida noturna da capital:

Algumas vezes Jean-Pierre participava de nossas aventuras noturnas, e sempre prometia nos introduzir num círculo de intelectuais, de pensadores revolucionários, mas parecia hesitar e acabava por inventar pretextos para que isso não ocorresse. (SOUZA, 1997, p. 101).

Somente após a iniciação de Fernando na vida noturna na periferia de Caiena foi que Jean-Pierre decidiu levá-lo à fazenda onde os livros e a tipografia se localizavam escondidas no meio de uma imensa plantação de cana ocultada dos olhos da justiça pelo pagamento de propina. O lugar era frequentado por vários homens e o narrador é informado que muitos dos livros produzidos ali eram enviados para Belém e para a

América Portuguesa. Eram leituras proibidas, e que, se fossem descobertas, levariam o proprietário à forca.

E, de fato, por muito menos do que li e aprendi naquela sala, vários patriotas foram mandados para o cadafalso. (...) Mas havia algo mais: um novo espírito. Sentava-me durante horas, todas as tardes, e lia. Durante muito tempo aqueles livros me ocupariam e desmontariam as minhas certezas ingênuas com o espanto de criptogramas decifrados. Entrara na cidade com arrogância do conquistador e a deixara tomado por, uma insanidade incurável. Perderia minha timidez e passaria a professar uma delicada paixão um furor que no princípio muito divertiu o cônego Batista Campos, porque não se parecia em nada comigo. (SOUZA, 1997, p. 103).

A partir dessas leituras, Fernando consegue, enfim, decidir-se por sua identidade: ele deixa de ser português e passa a ser paraense. E consegue, por fim, compreender a diferença entre o conquistador arrogante que chegou gritando com os negros e os tapuias e o revolucionário apaixonado que volta para Belém. Porém, no presente da narrativa, Fernando, exilado nas margens do Tocantins, põe-se novamente em crise, como veremos mais adiante.

Outra diferença que Fernando, enfim, conseguiu ver foi a decadência e as desigualdades sociais, e é importante salientar que o Pará do século XIX tinha a maioria dos trabalhadores livres, eram poucos os escravos negros e indígenas, o que fazia essa província diferente do restante das colônias portuguesas, mas, mesmo assim, uma das bandeiras da Cabanagem foi o fim da escravidão.

As sendas do amanhecer sob úmida esperança de mudar o Grão-Pará, o verdadeiro Grão-Pará que não podia ser visto dos salões das mansões ou das sacristias. Aprendi, assim, que tudo o que diziam daquela filosofia da liberdade, todas as iniquidades, os horrores, as portas do inferno, era verdade. (SOUZA, 1997, p. 103).

Além do aprendizado daquelas tardes, Fernando também levou de Caiena livros para Batista Campos e, por ordem do império, levou mudas de noz-moscada, cravo-da-índia, canela, além da pimenta e da cana-de-açúcar. No período da invasão francesa em Lisboa, uma parte da coleção feita pelo Dr. Alexandre sobre a flora brasileira foi

confiscada pelo governo francês, essas práticas de apreensão das riquezas de um país eram comuns nos períodos de invasão, visto que os condimentos eram valiosos naquele período. Alguns prisioneiros foram enviados para Belém, entre eles, o pai de Simone. A chegada à capital paraense foi festiva com as solenidades devidas a um exército vencedor. Porém, após a adesão do Pará a Independência, a desilusão e descrença voltam a atormentar a personagem. E a sensação de engano e desilusão sentida pelo narrador são semelhantes às sentidas pelo soldado moçambicano Meia-Chuva ao falar do período posterior à Independência e o início da guerra civil:

Se houvesse futuro, se alguém me mandasse uma mensagem assegurando que tal quimera existe, ainda assim a decepção seria maior do que a vertigem. O que foi que fizemos desta terra? Queríamos que ela fosse uma Europa, uma Europa com mormaço e olhos oblíquos, um arremedo de farrapos e pragas, preguiça e luxo. O horizonte do rio não podia ser maior que nossas convenções sociais, nossas roupas e porcelanas, onde os índios, o beiju e os músculos de bronze não seriam mais que uma gentil manifestação de uma bela lembrança a se esgarçar. O resultado é que acabamos nos comprazendo com o drama grotesco de todos os exilados, sempre abandonados num porto, esperando a hora de partir. (SOUZA, 1997, p. 190).

Considerações finais:

Em relação as duas obras, podemos concluir que o período pós-independência nos dois países foi conflituoso pelo fato de os novos governos continuarem com as práticas coloniais portuguesas sem promover mudanças efetivas em benefício da população promovendo a insatisfação que culminou nos dois conflitos e no Brasil é sabido que houve outros como a Farroupilha, a Cabanada, a Sabinada, entre outros.

A guerra civil em Moçambique foi mais cruel no Norte e especificamente nas fronteiras entre Moçambique, Zâmbia e Zimbábue, houve o maior número de vítimas e as ações mais sangrentas. João Paulo Borges escreve para possibilitar a memória da guerra civil e impedir que esse evento se repita. A decisão de um escritor tem origem numa determinada realidade social e o fato de ele optar pela memória da guerra civil como arcabouço narrativo demonstra que se mostra comprometido com a realidade de seu país. Não podemos esquecer que João Paulo Borges Coelho, enquanto pesquisador

naquela região, faz colheitas de relatos dos moradores sobre a guerra civil e, em grande parte, os relatos desse livro se devem às histórias ouvidas por ele. Devemos pontuar, ainda, o fato de que as obras literárias produzidas atualmente em Moçambique tendem a valorizar a Guerra de Libertação que tem levado ao apagamento da Guerra Civil, pouco abordada nos romances autais.

A Cabanagem foi uma guerra que deixou muitos mortos, além de presos e executados, para garantir a anexação dessa província ao Brasil e há muitos fatos e nomes que precisam ser trazidos à luz para promover a redenção proposta por Benjamin que é dar a voz aos que morreram por uma causa. E a decisão de Márcio Souza em escrever esses romances demonstra que é necessário tirar este episódio do esquecimento e não permitir que fique relegado a uma data do calendário e muito menos a nomes de ruas e prédios públicos, apesar de que até isso está sendo apagado na cidade de Belém.

BIBLIOGRAFIA:

BORGES COELHO, João Paulo. *As duas sombras do Rio*. 2 ed. Lisboa: Caminho, 2003

BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LORENZ, Federico. “Resistências”. In SARMENTO-PANTOJA, Augusto, OLIVEIRA, Maria Rita Duarte de, NOGUEIRA DE SOUZA, Rosângela do Socorro, CHABABO, Rubens (Orgs) *Memória e Resistência*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2002.

SOUZA, Márcio. *Lealdade*. 2 ed. São Paulo: Marco Zero, 1997.

TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem*. Trad. Joana Angélica D’Ávila Melo. São Paulo: ARX, 2002.